



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEGAGOGIA

LUCIENE DE SOUSA

**ESTUDO DE CASO: INCLUSÃO DO AUTISTA NO COTIDIANO ESCOLAR –
VERDADE OU UTOPIA?**

**CAMPINA GRANDE
2019**

LUCIENE DE SOUSA

**ESTUDO DE CASO: INCLUSÃO DO AUTISTA NO COTIDIANO ESCOLAR –
VERDADE OU UTOPIA?**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação /Departamento do Curso de pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

Área de concentração:Educação Inclusiva

Orientador: Profa. Me. Kátia Antero de Farias

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Luciene de.
Estudo de caso [manuscrito] : inclusão do autista no cotidiano escolar - verdade ou utopia? / Luciene de Sousa. - 2019.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Kátia Farias Antero , Departamento de Educação - CH."
1. Educação inclusiva . 2. Autismo. 3. Formação continuada. 4. Formação docente. I. Título
21. ed. CDD 371.115

LUCIENE DE SOUSA


**ESTUDO DE CASO: INCLUSÃO DO AUTISTA NO COTIDIANO ESCOLAR –
VERDADE OU UTOPIA?**

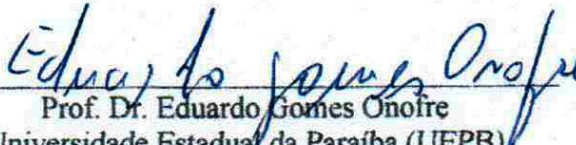
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação /Departamento do Curso de pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em pedagogia.


Área de concentração: Educação Inclusiva

Aprovada em: 19/06/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. (a). Ms. Kátia Antero de Farias (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof(a). Dra. Wanderleia Farias Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pelas bênçãos concedidas, e aos meus pais pelo carinho, pelos cuidados e por acreditarem em mim e no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou meu caminho e guiou meus passos nesta caminhada. Sustentou-me nos dias mais difíceis e me carregou nos braços quando não consegui continuar. Ao senhor ofereço minha vida, o meu caminho e o meu amor.

A minha família por ter acreditado em mim e no meu potencial de chegar ao objetivo desejado.

Aos meus pais, minhas preciosidades, meu tesouro maior, a vocês que sempre estiveram do meu lado e me apoiaram nas minhas decisões. Mãe, seu cuidado e dedicação foram o combustível necessário para eu prosseguir quando me sentia sem forças para continuar. O seu amor incondicional me deu coragem para lutar e querer ser alguém melhor, vocês me ensinaram pelo amor e mostraram pelo exemplo, o que sou hoje devo a vocês. Mãe, meu amor, obrigada por tudo. Obrigada por gastar seu tempo para me fazer companhia nas muitas noites que passei em claro fazendo os trabalhos, obrigada por gastar seu dinheiro tão suado para investir em meus sonhos, minha vitória é sua vitória. Tenho orgulho de ser sua filha, e tenho o privilégio de poder cuidar de vocês, e assim será até o dia em que Deus permitir.

Aos meus irmãos que sempre estiveram do meu lado, me apoiaram e me incentivaram ir adiante. Meu querido e amado Fausto (in memoriam), meu único irmão, meu exemplo, meu espelho nos estudos e na vida, um menino simples que tinha muitos sonhos e um objetivo... Ser alguém na vida, um menino que se destacava pelo jeito simples de ser, menino que nasceu em família pobre, mas mostrou que para chegar aos objetivos bastava ter força de vontade e correr atrás deles. Você sempre me incentivou a estudar e com muito esforço e dedicação eu

consegui. Agora falta pouco para eu me formar, e a você que sei que caminha comigo, te ofereço a minha conquista. Sonhei esse sonho junto com você e com certeza se estivesse aqui estaria orgulhoso de mim, talvez não tivesse trilhado os mesmos caminhos que eu trilhei, mas com certeza chegaríamos ao nosso objetivo.

Aos meus filhos Júnior e Lucas que são presentes de Deus em minha vida e que com certeza estão orgulhosos pela minha conquista. A minha nora Larissa, que é para mim uma filha, uma amiga, uma pessoa que tenho maior carinho e admiração e que sou eternamente grata por ter me presenteado com meu neto Arthur.

Ao meu amor Djailson, por dividir sua vida comigo e acreditar nos meus sonhos e sempre me incentivou a torná-los realidade.

A você Claudiana, que contribuiu de forma extraordinária com minha pesquisa, me deu todo suporte através de seu anjo azul, a você toda minha gratidão.

Ao meu príncipe Arthur, que com seu jeito meigo e sorriso encantador faz eu querer ser uma pessoa melhor e acreditar que dias melhores virão.

A minha orientadora, Kátia Antero, que esteve do meu lado, me orientou, compreendeu minhas limitações e mesmo assim me incentivou superar a mim mesma.

Aos meus amigos de turma, de curso, pelas alegrias, tristezas e lutas compartilhadas, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo que tenho aprendido na vida. Com vocês aprendi muito, levo um pouco de cada um comigo, mas tenho gratidão

especial pela amiga Meiry e por cada um que de alguma forma contribuiu para meu crescimento.

A esta universidade, seu corpo docente, direção, administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro novos horizontes.

A todos os professores por me proporcionarem o conhecimento no processo de formação profissional, portanto, se dedicaram a mim não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender, a vocês meus sinceros agradecimentos.

Louvo e agradeço a Deus pelo tempo de aprendizado que não cessará por aqui, tempo de realização de sonhos, de conquistas, de muito esforço e dedicação. De tudo, restou o aprendizado.

Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo.

Autism Topics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA	11
2.1 AUTISMO	13
2.1.1 Formação de Professores.....	15
3 METODOLOGIA.....	18
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO.....	19
5 CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	26

ESTUDO DE CASO: INCLUSÃO DO AUTISTA NO COTIDIANO ESCOLAR – VERDADE OU UTOPIA?

CASE STUDY: INCLUSION OF THE AUTISTA IN THE SCHOOL DAILY- TRUTH OR UTOPIA?

Luciene de Sousa*

RESUMO

O autismo é um dos desafios enfrentados no âmbito educacional e requer um entendimento amplo e a constante formação continuada na formação do professor. Nesse sentido é preciso ter uma grande interação entre escola, família e professor, visando a criação de estratégias que possam somar no aprendizado e na descoberta de ferramentas que possam ser de grande auxílio para todos. O autismo requer uma atenção especial do professor. O objetivo geral do presente estudo é de compreender como ocorre o processo de inclusão de um autista no cotidiano escolar em uma escola da rede pública de ensino em um município paraibano. Como percurso metodológico optamos por aplicarmos a pesquisa bibliográfica e estudo de caso, no qual utilizamos como suporte anotações em diários de campo, observações e leituras de teóricos que fundamentam os estudos da área como: Kanner (2005), Mello (2005) e Marton (2014) dentre outros. A investigação já concluída aponta para os autores Kanner (2005), Mello (2005) e Marton (2014). Conclui-se que, nem sempre ao se descobrir que uma criança tem autismo, é de fato incluída verdadeiramente no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Autismo, educação, desafios.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, vivemos um período em que a inclusão é uma necessidade em todos os ambientes, principalmente no âmbito escolar, por ser neste que o indivíduo é preparado desde o convívio familiar para viver em sociedade. Sendo assim, é imprescindível saber que inserir é mais do que o fato de matricular na escola, a inclusão para fazer jus ao nome que recebe, precisa que o profissional que acompanhará esta criança esteja preparado para lidar com as dificuldades encontradas no ensino voltado para crianças com deficiência, e que o mesmo busque estratégias que venham a contribuir para o melhor desenvolvimento das mesmas.

*Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
Luciene3543@hotmail.com

A inclusão dos alunos é de fundamental importância para a escola, sociedade e família do aluno, a diversidade pode ser trabalhada e a busca de aprimoramento da parte do professor é essencial para que possa se adequar as diversas nuances da realidade encontrada em sala de aula, o que requer suporte no que tange o conhecimento e as estratégias que podem ser adotadas.

Esse trabalho tem como objetivo geral compreender como se dá o processo de inclusão de um autista no cotidiano escolar em uma escola da rede pública de ensino em um município paraibano. Como objetivos específicos temos: investigar quais são as dificuldades encontradas pelos professores ao receber crianças autistas em sala de aula, aprofundar os conhecimentos sobre autismo e por último definir estratégias de atuação pedagógicas.

Partindo dessa afirmação, este trabalho apresenta-se a seguinte problemática: Quais são as dificuldades enfrentadas pelo professor diante da inclusão escolar de alunos autistas em sala de aula do ensino regular?

Para responder a esse questionamento observe três hipóteses a seguir:

É necessário que haja uma programação de atividades que venham a proporcionar ao autista um ambiente acolhedor e uma educação de qualidade, e um dos pontos que merecem destaque é conhecer e estudar as características comuns, sobretudo, as particularidades de um aluno com autismo atendido pelo professor em formação, só assim haverá um ponto de partida significativo ao qual permitirá o trabalho fluir de forma natural, dialogar os aspectos teóricos que envolvem o autismo. A inclusão do aluno com necessidades especiais (autismo) se dá quando são inseridas na sociedade e através dessa interação essas crianças passam a ter uma vida social. A formação continuada do professor pode auxiliar nas ações pedagógicas no cotidiano escolar. O professor deve estabelecer relação de confiança com o aluno, ser canal de comunicação direta, contextualizar a sala em U, de forma que todos possam estar de frente para o João (nome fictício), e possam manter contato direto, organizar a rotina de forma que favoreça o contato olho no olho, utilizar comunicação alternativa, dentre outros.

Visando alcançar o objetivo do referido trabalho, torna-se essencial definir o público alvo envolvido diretamente com a proposta da formação continuada, nesse caso, professores atuantes com alunos autistas, profissionais da área de educação, monitores, cuidadores de crianças especiais, e pessoas destinadas direta ou indiretamente ao acompanhamento individual no processo de inclusão, membros da equipe gestora e os pais, pelo fato de que a inclusão precisa acontecer no espaço escolar como um todo, e não somente na sala de aula.

A justificativa e motivação para investigar sobre esse tema deu-se pela descoberta de um aluno autista em sala de aula para verificar se ele estava incluído na sala de aula de uma escola pública de um município paraibano.

Como metodologia aplicada nessa investigação, utilizamos um estudo de caso, com caráter qualitativo, tendo como o norte de estudos diversos de vários autores como: Diniz (2000), Cunha (2010), Mello (2005), Libâneo (2009), dentre outros. Foram também realizadas leituras em alguns documentos legais e vigentes que abordam a inclusão das pessoas portadoras de deficiências e necessidades especiais.

A pesquisa visa oferecer uma visão clara sobre o aluno autista e a sua relação com o professor, assim como, as estratégias que podem ser utilizadas para facilitar o seu aprendizado.

2 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

Desde o início do século XIX que foram descritos casos isolados de crianças com perturbações mentais graves e que revelavam distorção do processo de desenvolvimento. Nesta época, estas perturbações foram classificadas como “psicoses”,¹ assumindo-se que representavam alterações funcionais que surgiam num organismo previamente saudável (Ruiloba, 1999).

Segundo Mello (2005), nos anos 70 surge Wing, Hermelin e o Connor que revelam uma tríade de incapacidades nos indivíduos autistas, nomeadamente: uma incapacidade ao nível da interação social com os outros, em nível da comunicação verbal e não verbal e finalmente uma incapacidade ao nível das atividades lúdicas e imaginativas. A estas três incapacidades deu-se o nome de “*Tríade de Lorna Wing*”, que passou a ser aceita e considerada por todos aqueles que trabalham nesta área.

O conceito de autismo, por sua vez, sofreu algumas mudanças. O termo evoluiu de esquizofrenia infantil para o que hoje conhecemos como Transtorno do Espectro Autista² (TEA). Quanto a sua definição, Armonia (2015, p. 93) salienta que os “[...] quadros que compõem TEA, são complexos e apresentam manifestações variadas, com alterações irregulares no desenvolvimento [...]”

¹estado de espírito, individual ou coletivo, marcado por ideias obsessivas.

²“[...] um conceito da Psiquiatria moderna no qual algumas dimensões de sintomas variam em amplitude e intensidade” (CUNHA et al., 2015, p. 13).

De acordo com Bosa (2002), o autismo é uma temática altamente chamativa, pois mesmo com os estudos realizados até o momento, sua abordagem continua a desafiar profissionais de diferentes áreas. Logo, a autora expõe a necessidade de empenho afim de compreender fenômenos relacionados ao autismo em que existe pouca explanação e esclarecimento.

Neste contexto, Bosa (2002), traz circunstâncias ligadas ao autismo que foram construídas historicamente, indicando que as primeiras publicações sobre o autismo apresentaram a autoria de Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944), na década de quarenta (BOSA, 2002, p. 02).

Kanner (2010), observava que as crianças autistas possuíam determinada dificuldade de relacionamento interpessoal, de modo que, em muitos casos não respondiam ao que provinha do exterior, ou seja, estímulos de outras pessoas ou acontecimentos no dia a dia. Ao mesmo tempo, concebia estas crianças como inteligentes, embora muitas vezes não demonstrassem (BOSA, 2002, p. 02-03).

Segundo Garcia e Rodriguez (1997), não existe uma definição exclusiva e única de autismo. Desde 1943 houve várias revisões conceituais do termo, baseadas em resultados de múltiplas investigações. No entanto, parece ser aceite que se trate de uma síndrome comportamental, caracterizado clinicamente por uma tríade distúrbios, **nomeadamente na** socialização e comunicação, limitação da atividade criativa e interesses restritos (Levy, 2000). Bosa (2002), menciona novos estudos referentes ao autismo, durante as décadas posteriores às publicações de Kanner, revelando como a partir dos anos oitenta, ocorreria uma grande mudança de paradigma, o que significou para a época, uma superação nas contradições existentes entre autismo, psicose e esquizofrenia. Assim, o autismo passa a ser denominado Transtorno Global do Desenvolvimento.

De acordo com Schwartzman (2010), os Transtornos Globais ou Invasivos do Desenvolvimento (TGD) passaram a incluir o Autismo, a Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação que detalhem os transtornos. Além disso, segundo o autor, mais recentemente denominou-se o termo de Transtorno do Espectro Autista (TEA) para abranger o Autismo, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento, sem outra especificação.

2.1 AUTISMO

Conforme consulta à Cartilha dos Direitos das Pessoas com Autismo, publicada em 2011, com apoio da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, do Movimento Pró Autista, o referido transtorno acarreta alterações significativas nas áreas da comunicação, interação social, além do comportamento. Ainda segundo este material, algumas características deste transtorno estão presentes antes dos três anos de idade. Entretanto, suas causas ainda não foram totalmente identificadas. Logo, dentre as características da criança com TEA, pode-se destacar: o relacionamento com outras pessoas apresenta a possibilidade de não despertar o seu interesse, sem contato visual, (BRASIL, 2010, p. 29).

Ressalta-se ainda, os estudos de Hans Asperger (2011) que, a partir das observações feitas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena em crianças, lugar onde atendia, publicou, em 1944, que essas crianças foram identificadas desde o início de suas vidas com algumas características do autismo, como: “dificuldades de comunicação e interação, isolamento, padrão restrito e repetitivo de interesses que não são tão graves a ponto de interferir significativamente no desenvolvimento cognitivo ou na linguagem” (ALBURQUERQUE, 2011, s/p).

Atualmente muito se estuda sobre o autismo e suas causas e ainda não se sabe ao certo, mas alguns estudos foram apontados que o autismo é de origem genética, e por isso é considerado uma síndrome. O autismo é caracterizado por alterações significativas nas áreas de comunicação, interação social e comportamento. Em alguns casos, os sintomas aparecem nos primeiros meses de vida, e em outros após os três anos de idade, mas é interessante que ao perceber alguns sintomas ou sinais da síndrome busque ajuda e se faça o diagnóstico o quanto antes. Estima-se que no Brasil 70 milhões de pessoas no mundo tenham algum tipo de autismo, ele não tem cura e suas causas são incertas.

Com o passar do tempo e a continuação das pesquisas, o autismo recebeu diversos nomes, dentre eles: Transtorno do espectro autista; Condição do espectro do autismo; Autismo clássico; Autismo Kanner; Transtorno invasivo do desenvolvimento; Autismo de auto funcionamento; Síndrome de Asperger.

O autismo configura um quadro que prevalece prejuízos na interação social, comunicação e no comportamento. Nós pertencemos a vários grupos e nos relacionamos com muitas pessoas o tempo todo, e é por meio desse convívio que aprendemos as regras e como viver em sociedade. Sabemos também que, a linguagem é necessária tanto à aprendizagem

quanto para os relacionamentos. No entanto, as crianças com TEA também tem prejuízos na comunicação, seja ela verbal ou não verbal. As crianças que apresentam a linguagem verbal, simplesmente repetem o que foi dito. A essa linguagem é dada o nome de ecolalia imediata, já em outras crianças a ecolalia se dá quando a criança repete o que foi ouvido há horas, a esse fenômeno chamamos de ecolalia tardia. Em outras crianças, há casos de repetirem frases que ouviram em situações, mas que estão adequadas ao que está se falando no momento, contudo, o tom de voz pode soar estranho.

A repetição de comportamento ou tendência em não se envolver em atividades também são características do autista. São características do autismo: bater as mãos, balançar o corpo, apego a um objeto e repetição de palavras.

As crianças com TEA apresentam graus variados de deficiência que variam de leve, moderado e severo. Até hoje, não existe nenhum exame que faça o diagnóstico. A criança que apresenta as características supracitadas precisa ser avaliada por uma equipe multidisciplinar que inclua psiquiatra, psicólogo, neurologista, pediatra e professor psicopedagogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, dentre outros. Para o tratamento, é necessário antes de tudo um ambiente onde os profissionais devem estar capacitados para lidar com essas crianças portadoras de autismo.

Diante de todas as pesquisas referentes ao autismo, ainda não existe medicamento específico para o tratamento, é incurável. Porém, existe maneiras de se tratar algumas funções cognitivas da criança a partir do diagnóstico. Entre as formas de tratamento, existe alguns métodos de intervenção usados por profissionais na tentativa de melhorar as condições do autista. Vejamos algumas delas:

*TEACCH (Treatment and Education of autistic and relate communication handicapped children): É um método estruturado para combinar cores e materiais a fim de organizar a rotina e o sistema de trabalho empregado, também pode ser utilizado em combinação com outros métodos. O método TEACCH tem como base a organização do ambiente através de rotinas, no qual estarão organizadas em quadro, parede e agenda adaptando o ambiente para melhor atender as necessidades da criança.

*PECS (Picture Exchange Communication system): O nome PECS significa sistema de comunicação por troca de figuras, ou seja, o PECS é um procedimento que estimula a comunicação por meio da troca de figuras. O sistema é utilizado a princípio com crianças que não se comunicam, e tem como objetivo mostrar a criança que através da comunicação ela consegue muito mais do que deseja.

*ABA (ANÁLISE APLICADA DO COMPORTAMENTO): É uma análise comportamental e se embasa na teoria dos aprendizados. O aprendizado na ABA ocorre pela repetição e tem como objetivo tornar a aprendizagem satisfatória e agradável para a criança, e em seguida ensiná-las a identificar os diferentes estímulos.

*MEDICAÇÃO: A medicação é indicada para que os sintomas do transtorno sejam amenizados, sabendo-se que o autismo é incurável. Dentre os problemas comportamentais ou emocionais trata-se com medicamento: a ansiedade, agressividade, impulsividade, hiperatividade, alterações de humor e surtos. Também existem outros tratamentos psicoterapêuticos, fonoaudiólogos, equinoterapia, musicoterapia, dentre outros. O tratamento a ser utilizado depende muito do profissional que aplica.

2.1.1 Formação de Professores

Não tem como se falar numa educação de qualidade sem falar na formação do professor, e este deve estar sempre aprimorando seus conhecimentos. A formação continuada de professores é entendida como um processo de aperfeiçoamento que deve acontecer ao longo de sua vida, e tem como objetivo assegurar uma educação efetiva que venha promover aprendizagem significativa a todos os envolvidos.

A prática nos cursos de formação de professores, geralmente, acontece de maneira aplicacionista, assim como pontua Tardif (2008). Neste processo, os alunos passam alguns anos assistindo aulas baseadas em disciplinas, para depois, ou concomitantemente, aplicarem esses conhecimentos. Na lógica disciplinar o conhecimento se sobrepõe a ação, “numa disciplina, aprender é conhecer. Mas, numa prática, aprender é fazer e conhecer fazendo” (TARDIF, 2008, p. 271). Nesta lógica, estes aspectos se colocam de maneira distinta, desta forma constitui-se uma falsa reprodução dos saberes profissionais em relação à prática.

A formação inicial de professores é um momento especial para conhecer a área de atuação do professor e suas especificidades, no entanto, é necessário compreender o grande desafio diante de si, e neste sentido, Tardif (2008), postula que os professores se inserem no seu ambiente de trabalho mesmo antes de começar a carreira profissional, pois passam vários anos como estudantes, isso pode influenciar veementemente a prática que este professor irá adotar.

Assim, muitos professores em formação passam por sua graduação sem modificar a crença que tinham previamente e acabam aprendendo a trabalhar na prática, no movimento de

tentativa e erro. Os saberes inerentes à profissão docente são adquiridos através do tempo (TARDIF, 2008), contudo, a formação de professores deve promover a base do conhecimento pedagógico especializado, pois será exigido que os professores saibam utilizar as ferramentas didáticos - pedagógicas, além do trabalho com os conteúdos curriculares (RAMALHO; FIALHO; NUÑEZ, 2014). Sendo assim, alguns conhecimentos específicos são imprescindíveis, tais como a elaboração de planejamentos, a relação professor-aluno, entre outros.

Portanto, é de suma importância que o professor esteja sempre buscando aperfeiçoamento para que melhore a qualidade de sua prática, procurando manter-se bem informado tanto no que se refere aos fatos e acontecimentos quanto na evolução das práticas pedagógicas, para que se torne não apenas transmissor de conhecimentos, mas um facilitador no processo de aprendizagem.

A formação continuada permite ao educador agregar conhecimentos capaz de gerar transformação e impacto no contexto escolar, e ajudando a encontrar soluções nas dificuldades encontradas no dia a dia. Pensando sempre na melhoria da educação e numa melhor formação, o MEC disponibiliza cursos de formação continuada para os professores, e estes deveriam agarrar a oportunidade e buscar cada vez mais conhecimento para melhor atender seus alunos, sejam eles deficientes ou não. Vejamos alguns cursos disponibilizados pelo MEC:

Formação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: É um curso presencial de dois anos para professores alfabetizadores, e são desenvolvidas ações que contribuem para o debate acerca da aprendizagem das crianças na fase de alfabetização, tendo como objetivo a melhoria na qualidade de ensino no ciclo de alfabetização.

ProInfantil- É um curso que se destina aos profissionais que atuam em sala de aula da educação infantil, em creches e pré-escolas sem fins lucrativos, que não possuem formação específica para o magistério.

Plano Nacional de Formação de professores de Educação Básica- Parfor: induz e fomenta a oferta de ensino superior, para professores em exercício na rede pública e de educação básica, para estes profissionais obterem a formação específica exigida para o magistério.

Proinfo integrado: É um programa de formação voltado para o uso-didático pedagógico das TIC (Tecnologia da informação e Comunicação) no cotidiano escolar.

E-Proinfo: É um ambiente virtual colaborativo de aprendizagem que permite a concepção, administração, e desenvolvimento de diversos tipos de ações, como cursos a distância,

presenciais, projetos de pesquisa e projetos colaborativos assim como diversas outras formas de apoio a distância e ao processo ensino- aprendizagem.

Pró-letramento: É um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura- escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental.

Gestar II- É um programa que oferece formação continuada em língua portuguesa e matemática aos professores dos anos finais do ensino fundamental. O programa inclui discussões sobre questões teórico-práticas e busca contribuir para o aperfeiçoamento da autonomia do professor em sala de aula.

Rede Nacional de Formação Continuada de Professores: Foi criada em 2004, com o objetivo de contribuir para a melhoria da formação de professores e alunos. O público alvo são os professores de educação básica dos sistemas políticos de educação.

Mesmo o MEC oferecendo vários cursos de formação continuada contribuindo para formação e capacitação dos professores tanto de rede pública como da rede privada, ainda existe muitos educadores que não se deram conta que para ser um bom profissional devem fazer cursos de formação continuada e buscar meios de aproximar os pressupostos teóricos à prática pedagógica. Sendo assim, é preciso que o professor tenha consciência de seu papel social e que o mesmo ajude seu aluno a compreender a sociedade que está inserido. Vale salientar que, essa formação continuada é independente do que a escola pode oferecer, mas cabe ao próprio profissional ir em busca de melhoria de suas ações enquanto docente.

O educador deve manter-se atualizado e bem informado, não só no que se refere aos fatos e acontecimentos, mas também em relação à evolução das práticas pedagógicas. No que se refere à formação de professores para inclusão de estudantes com deficiência, a política para estudantes com deficiência é preconizada desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB nº 9.394/ 96, que define que os sistemas de ensino deve assegurar professores capacitados para oferecer uma educação de qualidade com currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas que atendam às necessidades desses educandos (Brasil, 1996).

Destaca-se ainda que, mesmo com cursos de capacitação oferecidos pelo MEC e acobertados pela lei, alguns professores consideram-se despreparados para o trabalho com estudantes com deficiência, nesse caso, percebemos esse despreparo por parte de alguns professores, em especial a professora de João (nome fictício), que mesmo havendo tentado meios de incluir o aluno citado, ela não tinha capacitação e nem preparo para lidar com o referido aluno. Formação essa que tem necessidade de aperfeiçoamento frente às novas

demandas da educação, demandas inclusivas que marcam a necessidade que o professor olhe para além da patologia, mas sim para as possibilidades de aprendizagem. Se tratando de autismo, trabalhos vistos anteriormente mostram que ainda faltam profissionais que tenha qualificação e possa desenvolver um trabalho de qualidade com essas pessoas.

A inclusão dos alunos com necessidades especiais é de responsabilidade de toda comunidade escolar e não somente os professores dos alunos autistas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa científica pode ser definida como um conjunto de processos sistemáticos e críticos aplicados ao estudo de algum assunto ou fenômeno. Nesse sentido, a investigação em pauta trata-se de uma abordagem qualitativa. E por ver a necessidade de haver qualificação, compromisso e formação continuada, reportamos ainda a pesquisa bibliográfica com o intuito de refletir sobre a educação inclusiva e a prática docente.

A diferença entre a abordagem quantitativa e qualitativa é que a última se aprofunda no mundo dos significados, enquanto, na quantitativa, o cientista trabalha com estatísticas visando a criar modelos abstratos ou a descrever e explicar fenômenos que produzem regularidades, que são recorrentes e exteriores aos sujeitos (MINAYO et al., 2008).

A pesquisa ainda se refere a um estudo de caso, pois se refere à aplicação de dados reais para a compreensão da realidade estudada. O estudo foi realizado tendo como sujeito de nossa análise uma criança de cinco anos de idade com diagnóstico de autismo e matriculado no pré II da educação infantil de uma escola pública localizada em um município da Paraíba. Nas análises dessa pesquisa constam discussões acerca do cotidiano escolar, estas foram fornecidas pela professora dele. Ainda constam informações pessoais da criança e seu convívio familiar fornecida pela mãe dele.

A investigação foi realizada durante quatro meses no quais observamos João (sujeito da pesquisa) no seu cotidiano escolar. Além disso, algumas conversas informais com a sua mãe também foram realizadas buscando informações sobre a criança e seu convívio familiar. Ainda tivemos a contribuição da professora Damiana (codinome), que acompanhou de perto a descoberta da deficiência de João.

Para realização da pesquisa foram utilizados diário de campo para registros das análises feitas, celular e gravador para arquivar os discursos procedidos pela mãe de João e os depoimentos de alguns familiares que falaram de sua convivência com a referida

criança. Nesse contexto o estudo de caso visa o enriquecimento do tema e o entendimento com o foco onde se pode observar a teoria e prática juntas.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO

Partimos do pressuposto de que é importante esboçar os discursos da mãe da criança-sujeito de nossa pesquisa a respeito do seu nascimento. Faz-se necessário à compreensão do discurso analisando de forma profunda o que está sendo expresso pela mãe da criança, pois o entendimento oferece novas perspectivas quanto à integração e inclusão do aluno na escola.

João nasceu de parto normal com as quarenta semanas completas. Sua mãe teve uma gravidez tranquila e saudável. João parecia uma criança normal, mas com o passar dos dias, a criança mostrou-se um menino que chorava bastante e se irritava facilmente. Dormia pouco e dava trabalho durante a noite, pois acordava ou ficava agitado. Com o passar do tempo, foram percebendo que João parecia diferente das outras crianças, pois não falava, não brincava e nem interagia com as pessoas, mas socializava-se um pouco com as pessoas da família quando os visitava.

Encontramos grande dificuldade para coletar os dados dessa pesquisa, uma vez que, não houve a participação da comunidade escolar, assim como as professoras se omitiram em responder nossas perguntas não sabemos se por medo de responder e terem seus nomes expostos, ou se por realmente não terem conhecimento do tema. Percebemos uma grande deficiência por parte das professoras por não saberem explicar sobre educação especial e muito menos inclusiva.

Foi percebido que são pessoas que não tem um conhecimento apropriado do tema e nem tão pouco formação adequada para explicar sobre a temática em questão. Por isso, considera-se extremamente necessário haver qualificação e cursos de formação. Portanto, acredita-se que seja necessário que o próprio professor esteja buscando conhecimentos, cursos que possam contribuir realmente com quem precisa, pois, muitos professores estão dentro da sala de aula apenas pela questão do dinheiro. Nos dias atuais, nem todos os professores estão comprometidos com a educação, que pela Constituição Federal é um direito de todos, inclusive das pessoas diagnosticadas com alguma síndrome.

A Constituição Federativa do Brasil dispõe que [...] é direito de todos o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; garante o direito à escola para todos; e

coloca como princípio para a Educação o acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. (BRASIL, 1988, p. 270)

Sendo assim, segundo o documento supracitado, todos têm direito a educação, ao convívio social, e o que se vem buscando é uma forma de incluir verdadeiramente as algumas crianças com necessidades especiais, buscar meios para que elas não sejam excluídas e vítimas da sociedade. O que se busca é que essas crianças tenham direito de estudar em escolas regulares sem serem estigmatizadas.

Segundo informações da mãe pouco tempo depois de começar a frequentar a escola, a professora Severina percebeu que João era diferente e que merecia uma atenção especial e que apesar de não ter formação para dar o suporte necessário ao aluno, fez o possível para que ele tivesse atenção necessária.

Inicialmente, a professora apontou diferença de comportamento, pois o aluno se distanciava da turma, não prestava atenção na aula e no conteúdo que era repassado a turma. Ele pegava todos os dias um único brinquedo e não dividia com mais ninguém. Outro fator importante, foi à falta de comunicação do aluno. Ele comunicava-se apenas por gestos e nem sempre os fazia, evitava pedir ajuda seja para qualquer situação e até mesmo para fazer suas necessidades fisiológicas na escola.

Partindo dessas características, e mesmo sem a formação adequada, a docente percebeu que a criança precisaria de uma ajuda específica, então chamou mãe da criança e relatou que há dias estava analisando o comportamento de João e aconselhou que o levassem a um especialista, que fizesse um diagnóstico preciso para identificar se o menino tinha alguma necessidade específica.

No momento da informação dada pela professora à mãe o clima ficou um pouco tenso e a genitora ficou surpresa. Após os pais passarem dias refletindo sobre as palavras da professora, resolveram levar a criança ao especialista que de imediato foi um neurologista, depois fonoaudióloga, e posteriormente a psicopedagoga que juntos deram o diagnóstico de autismo.

Qual não foi a surpresa, quando tiveram o diagnóstico de autismo³ leve, ou *Asperger*⁴, mas apesar do autismo leve, João não falava quase nada, tem um comportamento difícil e

³polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau, da relação com os dados e as exigências do mundo circundante.

⁴**Síndrome de Asperger (SA)** é uma perturbação do desenvolvimento caracterizada por dificuldades significativas a nível dos relacionamentos sociais e comunicação não verbal, a par de interesses e padrões de comportamento restritos e repetitivos

chora por tudo. A partir do diagnóstico novos planos e projetos foram traçados, uma nova realidade para a família.

De início, a mãe aceitou, mesmo que com dificuldades, enquanto o pai por muito tempo não aceitou o diagnóstico e ainda hoje não aceita que seu filho seja diferente. A princípio, foi tudo muito complicado, pois a mãe chorava muito, não sabia o que era o autismo, não sabia o que fazer, como tratar e como ajudar seu filho. De imediato mudou toda sua rotina para dar toda assistência e suporte necessário ao filho.

A superação é alcançada pelos pais que iniciam novas expectativas de forma mais positivas em relação a criança, nesse sentido, eles visam que o filho possa se desenvolver de forma saudável com um desejo de cura expresso pelo anseio da melhora do filho. (HOHER e WAGNER, 2006).

Em sala de aula, Marcos não pegava em lápis e nem tinha o menor interesse em realizar as atividades, chorava e se estressava quando queria ir embora, sempre faltava aulas e quando comparecia não ficava o horário todo no interior da sala. Gostava de andar pelas outras salas e corredores, mesmo sendo muito querido não interagia com a turma.

A agressividade é uma das características comuns do Autismo, no entanto, João apresentava um quadro que chamava atenção por ser carinhoso e doce. Esporadicamente, se irritava quando algum colega fizesse algo que não o agradasse. Nessas situações chegava a morder e empurrar. A professora de João não só atuava como docente, mas também de cuidadora, uma vez que não tinha cuidadora para assistência necessária a João.

A docente dispunha de material concreto, utilizava a internet e ela mesma confeccionava material para que João fosse integrado na sala de aula. Além disso, ela procurava integrá-lo nas atividades coletivas e juntá-lo ao grupo, mas foram tentativas sem sucesso, pois João não aceitava se unir ao grupo. Ele gostava de estar num canto só, pegava um livro ou algum objeto colorido que chamasse a atenção dele e isso bastava para ele. Mas para a professora sua intenção era que houvesse a inclusão de seu aluno e ele pudesse aprender junto com as outras crianças. Cabe ressaltar que, mesmo que houvesse uma intenção de incluir João na sala de aula, talvez pela falta de formação continuada adequada, a docente não sabia como conduzir as atividades propícias para que isso fosse uma verdade e a inclusão realmente acontecesse.

Em sala de aula, o menino não falava palavra alguma, mas no seio familiar esboçava algumas palavras e quando queria alguma coisa gesticulava para mostrar o que desejava naquele momento. Pouca coisa chamava sua atenção, uma massinha colorida, um brinquedo

diferente, por pouco tempo. De tudo que havia na sala, apenas um livro chamava a atenção dele. Era bem colorido e tinha muitos animais e faziam sons enquanto era manuseado.

Em conversa com os colegas de classe, ele era visto como esquisito, diferente, doente, aos olhos do corpo docente, era o coitadinho. Os docentes acreditavam que João deveria estar em uma escola especializada, pois, na verdade, estava ocupando o lugar de uma criança dita “normal”. Percebe-se, não apenas a exclusão nesse momento, mas também o preconceito.

Para muitos era inadequado o direito de estudar numa escola regular, também lhe tiraram o direito de ter uma cuidadora em sala de aula para que lhe auxiliar nas atividades, assim como para acompanhar seu desenvolvimento na escola.

Partindo dessa visão podemos afirmar que não houve a inclusão de João, apenas a integração. Até porque, o próprio aluno recusava-se a interagir em grupo e não aceitava participar das atividades e brincadeiras. Isso leva a perceber o quanto é importante que toda equipe escolar esteja envolvida no processo de inclusão.

O cuidador é de grande relevância tanto para o autista quanto para a família, que podem absorver as estratégias utilizadas e repassarem para o professor responsável pelo ensino-aprendizagem da criança. Conforme a lei Nº 12.764\12, refere-se ao estatuto da pessoa com Transtorno Global nos termos artigo 3º parágrafo único: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com *transtorno do espectro autista* incluída nas classes comuns de ensino regular terá direito a acompanhante especializado.”

É comum a reação de muitos professores ao saber que terá um aluno autista em sua sala de aula, justamente porque em sua formação não foi preparado para saber lidar com a criança com uma necessidade específica. No entanto, segundo a mãe do menino, a professora tentava o melhor possível trabalhar com João, fazendo com que ele assimilasse alguma coisa, mas sem ter formação para atender o referido aluno. Sempre que a professora realizava as atividades coletivamente, ela procurava levar o João para perto da turma de maneira que ele pudesse ser incluído, mas ele sempre se afastava e ficava de longe só observando a realização das atividades. Falta por parte da escola e da secretaria da educação da cidade fazer valer o direito do aluno em ter uma cuidadora capacitada para atender suas necessidades. O município não oferece aos educadores a formação continuada necessária para trabalhar com essas crianças os mesmos não procuram se capacitar.

Percebeu-se, ainda, que não há menor preocupação por parte dos professores em melhorar seu desempenho em sala de aula. O estigma parte muitas vezes da própria instituição e do próprio docente que não aceita essas crianças e que não dão suporte necessário para que possam desenvolver-se enquanto pessoas e como ser humano.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo compreender como ocorre à inclusão de um autista em sala de aula, assim como aprofundar o conhecimento sobre os conceitos, a causa, o diagnóstico, a legislação, o tratamento e as formas de intervenção aos quais são usados no tratamento de autistas. Conclui-se que, diante da complexidade educacional que o transtorno apresenta, faz-se necessário realizar a orientação e a capacitação dos educadores dentro de sistemas de apoio que, sirvam de diretrizes para realização do processo ensino/aprendizagem do aluno com autismo na desmistificação das representações preconcebidas e não científicas que interferem na atuação do educador, melhorando a eficácia dos profissionais e com isso, a possibilidade do aluno autista adquirir novas habilidades que o ajude no seu desenvolvimento. Muito embora tenhamos encontrado estes dados, é necessário que outros estudos sejam realizados nessa área, por tratar-se de campo amplo e recente na história educacional do país.

A problemática apontou que há sim um despreparo dos professores e a educação continuada não segue essa proposta da diversidade em sala de aula.

A metodologia utilizada trouxe de forma expressiva a realidade do professor em relação a aluno autista, assim como a falta de recursos para que o trabalho desenvolvido possa ser desenvolvido de forma eficiente.

Diante dos resultados pudemos perceber o quanto é importante que o professor conheça o aluno autista, suas características e que ele tenha capacitação necessária para acolher e não somente integrar o aluno em sala de aula, mas que aconteça verdadeiramente a inclusão e no caso do presente estudo de caso pudemos identificar que o aluno João não foi incluído em sala de aula, apenas integrado. Houveram momentos em que a professora verdadeiramente quis fazer a inclusão do aluno, mas ele negava-se a interagir com a turma, não aceitava participar das brincadeiras e nem se quer aceitava ficar próximo das crianças, ele mantinha-se ausente o tempo todo, seus pensamentos voavam como característica do autismo, ele parecia fechado em seu mundo interior. O aluno que se mostrava dócil e carinhoso, hoje encontra-se agitado, estressado e muito ansioso. Por alguns meses foi feita a tentativa de usar o óleo canabis, mas como se foi orientado fazer o desmame do outro medicamento, ele começou sentir falta da medicação anterior e por conta da agitação o uso do óleo foi suspenso pela mãe. O menino que não falava em sala de aula apenas no seio familiar, com a ajuda do tratamento passou a falar, e hoje já pronuncia a fala, mas também se percebe que a criança

tem ecolalia tardia, ou seja, ele repete frases ouvidas anteriormente que nada tem a ver, ou algumas vezes tem a ver com o que se está falando, todavia que soa estranho.

João continua frequentando a escola, mas devido ter sido diagnosticado também com retardo mental, foi exigido que ele tivesse a disposição uma cuidadora que pudesse auxiliá-lo quando estivesse no ambiente escolar. Assim sendo, percebemos que tanto a criança como a família não tiveram auxílio nenhum por parte da secretaria de educação do município, não é disponibilizado se quer transporte para conduzir o João junto com a mãe quando necessita da intervenção médica, mesmo a criança necessitando de auxílio.

A mãe assim como o pai e os avós que moram na mesma residência sentem-se desprotegidos e desamparados por não terem ajuda de ninguém, há uma negligência por parte das autoridades competentes. Outro fato que marca a vida de João é que ele não foi incluído na escola, assim como na sala de aula. Houve a integração do referido aluno, mas não a inclusão, isso se dá porque na referida escola, a professora que atende pelo nome fictício de Severina, não tem capacitação necessária para trabalhar com o aluno em questão.

Sabemos que ainda existe muitas barreiras para que tenhamos ambientes inclusivos de verdade, por isso devemos procurar as formas de eliminar os obstáculos buscando sempre melhorias que nos leve a alcançar a verdadeira inclusão. Assim, podemos afirmar que estamos trilhando num caminho que nos levará a uma educação inclusiva e de qualidade a todos.

Também foi de grande importância o acompanhamento da mãe de João, a Maria, ela contribuiu de forma significativa para a realização dessa pesquisa, assim como ela deu consentimento para que a pesquisa fosse publicada, para que através dessa pesquisa outras pessoas pudessem melhor compreender a questão do autismo, e como contribuição e retribuição pela valiosa pesquisa, através de conversas e buscas, conseguimos para o João a carteirinha do autista, através dela ele poderá junto com sua família ter prioridade nos locais onde forem, assim como estamos conseguindo que o João tenha um acompanhamento na associação de pais da Paraíba.

Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos professores diante da inclusão de autistas no contexto escolar no que se refere a sua inclusão, podemos elencar algumas, mas em especial a falta de formação do professor é a principal, em seguida vem à falta de conhecimento sobre o tema, a falta de acesso à formação continuada de professores, falta de materiais pedagógicos, turmas lotadas, sem contar na falta de apoio de profissionais especializados. Sabemos que a escola tem grandes desafios, mas podemos construir caminhos para que todos os alunos independentes das diferenças possam de fato ser incluídas no processo escolar.

ABSTRACT

Autism is one of the challenges faced in the educational field and requires broad understanding and constant training in teacher training. In this sense it is necessary to have a great interaction between school, family and teacher. Aiming at creating strategies that can add to the learning and discovery of tools that can be of great help to all. Autism requires special attention from the teacher. The general objective of the present study is to understand how the process of inclusion of an autistic child in the daily life of a school in a public school in the municipality in Paraiba occurs. As a methodological course, we chose to apply literature-type research in which we use informal talk, notes in field journals, observations and theoretical readings that support the area studies such as: Kanner (2005), Mello (2005) and Marton (2014) among others. The research already completed points to the authors Kanner (2005), Mello (2005) and Marton (2014). Concludes that not always when discovering that a child has autism, is included in everyday school life.

Keywords: Autism, Education, Challenges.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, S. **Hans Asperger e o autismo**. [Fortaleza], 2011. Disponível em: <[Http://fluxodopensamento.com/2011/04/hans-asperger-e-o-autismo/](http://fluxodopensamento.com/2011/04/hans-asperger-e-o-autismo/)>. Acesso: 10 de Abril de 2019.

ARMONIA, Aline Citino. Autismo e Linguagem infantil. In: ASSUMPTÃO JÚNIOR, Francisco Baptista Assumpção; KUCZYNSKI, Evelyn. **Autismo infantil: novas tendências e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2015, p. 93-103

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: Atuais interpretações para antigas observações**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002. Disponível em: Acesso: 10 de Abril de 2019.

BRASIL, **Constituição da República Federal do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2014.

CUNHA, Gracielle Rodrigues da; BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Autismo, transtornos do espectro do autismo**. In: CAETANO, Sheila Cavalcante; 2010.

DINIZ, Júlio Emílio. **Formação de Professores -pesquisa, representações e poder-** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GARCIA, T. e Rodríguez, C. (1997). **A criança autista**. In Bautista (coord). Necessidades especiais. Lisboa: Dinalivro.

HOHER, S. P. e WAGNER, A. D. L.: **A questão da formação a transmissão do diagnóstico e de orientações pais de crianças com necessidades especiais profissional**. Estud. psicol. (Campinas), 2006.
Disponível:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epc/v23n2/v23n2a02.pdf>>. Acesso em 31 de maio. de 2019.

KANNER, L. **Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo**. Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk. Disponível em:
<<http://www.ama.org.br/site/images/stories/Voceaama/artigos/080609disturbisart.pdf> >
Acesso: 10 de Abril de 2019.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dôgo de. **Autismo, linguagem e cognição**. MÓDOLO, Marcelo (orgs.). Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 eds. revista e ampliada – Goiânia: MF Livros, 2009.

MELLO, A. (2005). **Autismo: Guia prático**. São Paulo: AMA

MARTON, Silmara Lúcia. Complexidade e Educação: na brecha do conhecimento e da pesquisa. In: **Aventuras de Conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação**. Alexandra Garcia e Inês Barbosa de Oliveira (orgs.). 1 ed., Petrópolis-RJ: De Petrus; Faperj, Rio de Janeiro, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: ___. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 9-28.

MICHELS, Maria Helena. **A formação de professores de educação especial na UFSC (1998-2001): ambiguidades estruturais e a reiteração do modelo médico-psicológico**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: história, política, sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

PAULINO, V. B. R. **Sentidos que emergem do/circulam no trabalho docente na educação infantil**. 2014. 208 f. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo. 2014.

PERIN, Andréa Pavan. Vivências de professor de matemática em início de carreira. Educação Matemática Pesquisa. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**. São Paulo: v. 13 n.2, p. 243-251, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/5316>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

RIVIÈRE, Ángel. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL, César; ÁLVARO, Marchesi; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação- Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**; 3. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMALHO, Betânia Leite; FILHO, Nadia Hage; NUÑEZ, Isauro Beltrán. Por um saber pedagógico e didático para profissionalizar a docência. In: RAMALHO, Betânia Leite; NUNES, Claudio Pinto; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro (org.). **Formação para a docência profissional: saber e práticas pedagógicas**. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 39-59.

RUILOBA, J. (1999). **Introducción a la psicopatología y la psiquiatria**. Barcelona: Masson, S.A.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo e outros transtornos do espectro autista**. Disponível em: Acesso em: 25 dez. 2018.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.